

MAGNANI, JOSÉ GUILHERME CANTOR & SOUZA, BRUNA MANTESE DE (Orgs).  
**Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade.** São Paulo: Terceiro Nome, 2007. 279 p.

Luna Castro Pavão

Cientista Social e Mestranda em Antropologia Social  
Universidade Federal de São Carlos

*São, São Paulo quanta dor  
São, São Paulo meu amor  
São oito milhões de habitantes  
De todo canto em ação (...).  
(São, São Paulo, Tom Zé)*

*Straight edges*, forrozeiros, góticos, amantes de carros personalizados, streeteiros e *b.boys*, adeptos do gospel, descolados da Galeria Ouro Fino, instrumentistas, frequentadores de baladas *black* e rodas de samba, pichadores e grafiteiros<sup>1</sup> trazem elementos para pensar temas que perpassam o cenário urbano. Se para alguns São Paulo é a cidade da garoa, fria, opaca e cinzenta, “*Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*” apresenta uma São Paulo flamejante, tátil, fluida, maleável e compósita; cidade que é tudo menos silenciosa e passiva, entrelaçada com jovens que saltam aos olhos dos etnógrafos.

*Jovens na Metrópole* é uma compilação de 14 artigos na área de antropologia urbana, realizados sob o âmbito do Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (NAU/USP) entre os anos de 2003 e 2004.

---

<sup>1</sup> Nesta resenha optou-se pelo uso do itálico em referência às palavras de língua inglesa e às categorias que balizam o estudo etnográfico dos autores do livro, quais sejam, circuito, mancha, pedaço e trajeto. Palavras nativas estão sob nenhuma marcação, visto não haver um padrão ao longo do livro; ora os autores adotam aspas, ora adotam itálico ou mesmo nenhuma marcação (Ver ALFONSI; BORGES e AZEVEDO; BOURDOUKAN e NORONHA, PIRES E TOLEDO).

No intuito de entender como jovens se relacionam com a cidade de São Paulo, os autores concentram suas descrições na dinâmica dos *circuitos* que alguns atores produzem em meio à cidade. Interessam aos etnógrafos escolhas, preferências e estilos de vida acionados por jovens diante das possibilidades de utilização, de apropriação e, sobretudo, de criação de espaços urbanos pelos jovens abordados. Nesta metrópole os atores devem negociar com a dinâmica urbana, mas são também produtores de seus espaços.

Na introdução à obra, Magnani destaca algumas tentativas realizadas outrora para a temática dos jovens. Uma delas é a ideia de “tribos urbanas” (Maffesoli, 1987), a qual enfatiza a desorganização, o nomadismo, formas de consumo, e as efemeridades das relações sociais de jovens reunidos em “microgrupos” (p.17). Outra abordagem é a de “culturas juvenis” (Feixa, 2004), dedicada aos aspectos identitários e às formas de uso do tempo livre dos jovens que habitam as cidades.

Em diálogo com as abordagens mencionadas, *Jovens na Metrópole*, oferece a ideia dos “circuitos de jovens”, que atenta para a articulação entre comportamentos e formas de inserção na paisagem urbana acionadas por jovens atores. Através da proposição de exercícios etnográficos coletivos, a obra apresenta etnografias que apreendem as relações estabelecidas entre jovens e seus trânsitos pela cidade por meio de categorias-chave comuns:

*Circuitos, trajetos, manchas e até pedaços* (estes com seus laços mais particularistas, ao estilo de comunidade), constituem distintas modulações de uso e desfrute do espaço público: são diferentes versões da “rua” enquanto suporte do atributo “público”. Cada um desses arranjos corresponde a uma forma específica de se expor, estabelecer laços, marcar diferenças, fazer escolhas, colocar-se, enfim, na paisagem urbana diante dos outros e em relação a eles (p. 252-253).

Edifícios públicos e estações de metrô são ocupados para a prática de *street dance* e *break dance*; postos de gasolina se tornam lugar de encontro para o desfile de carros personalizados; lojas de conveniência reúnem jovens instrumentistas na madrugada. Estas são algumas dinâmicas que exprimem o diálogo constante que se produz entre jovens e a capital paulista.

Um exemplo de *mancha* seria os arredores da rua Teodoro Sampaio, descrita por Camila Iwasaki no artigo “Jovens instrumentistas: o improvisado de todo dia e de toda noite”, região tipicamente ocupada por escolas de música, lojas de discos, acessórios, instrumentos musicais e também por bares.

Já o *pedaço* é relativo a uma espacialidade mais particularista, ponto em que público e privado se articulam, de modo que se ampliam os laços familiares e se particularizam as relações mais gerais. Eixo do *trajeto* de apreciadores da música eletrônica e *raves*, *DJs*, artistas, roqueiros, dentre outros, a Galeria Ouro Fino, estudada por Carolina de Camargo Abreu, é ponto de conexão entre *pedaços* de

“modernos” e “descolados” (p.151), concentrando jovens com estilos de vida bem demarcados a partir de preferências de moda, gosto musical, comportamento, etc.

Diferentes *circuitos* podem se cruzar e engendrar uma série de relações de aliança e de rivalidade entre estes jovens. “Japas e Manos na estação Conceição de metrô”, de autoria conjunta de Fernanda Noronha, Paula Pires e Renata Toledo, retrata momentos em que o *circuito* dos b.boys (praticantes do *break dance*) se depara com o *circuito* dos *streeteiros* (que optam pelo *street dance*) em um mesmo ponto geográfico. Este encontro se desdobra na adoção de estratégias de distanciamento ou de aproximação, tais como o uso de diferentes vestimentas e práticas corporais de dança, e uma lógica de divisão espacial na qual se estabelece o local de ocupação específico para cada grupo. Aqui estes jovens se apropriam da estação de metrô e transformam-na em espaço marcado pela permanência, regularidade e ponto de encontro para praticantes do *break* ou *street dance*.

É de se notar que estes jovens imprimem marcas características na geografia urbana, conforme o exemplo oferecido por Bruna Mantese que, ao tratar dos relacionamentos dos *straight edges*<sup>2</sup> com a cidade, demonstra como a sorveteria *Soroko*, localizada na rua Augusta, vai incorporando pouco a pouco as sugestões dadas por seus frequentadores para a fabricação de sorvetes à base de leite de soja. Nesta dinâmica, o local transformou-se em um dos eixos centrais do *circuito* dos *straight edge*, seu ponto de encontro, de lazer e, ainda, local para a divulgação de eventos e atividades relacionadas a este *circuito* específico.

Além dos conceitos-chave enumerados acima, vale ressaltar que também a corporalidade, apontada por Luiz Henrique Toledo no Posfácio, é instância recorrente nas etnografias e tem peso significativo entre os estilos de vida urbanos inseridos na obra, operando mesmo como vetor de distinção entre os jovens, como é o caso dos *straight edges*, góticos, frequentadores de baladas *black* e rodas de samba, por exemplo.

Aplicando-se as noções de *mancha*, *circuito*, *pedaço* e *trajeto* ao material de campo, os autores conferem um recorte bastante específico para seus dados, orientado pela busca de regularidades e permanências nas dinâmicas estabelecidas entre os jovens. Em diferentes passagens do livro a noção de *circuito* é oportuna porque precisamente coloca os grupos em movimento e explicita conjuntos de relações mais amplas que perpassam cada um deles. São exemplos o encontro de *circuitos* de pichadores e grafiteiros, descrito por Alexandre Barbosa Pereira, de jovens instrumentistas e aquele da música comercial destacados por Camila Iwasaki, dos forrozeiros pé de serra e adeptos do forró eletrônico, abordados por Daniela do Amaral Alfonsi, e o cruzamento de *straight edges* com *hare krishnas* e adventistas apontado por Bruna Mantese. Neste sentido, o foco dos autores na

<sup>2</sup> Grupo originário da cena *punk* e *hardcore*, que assim se autodenomina em função de um posicionamento político e estilo de vida bem demarcados. Opõem-se ao consumo de drogas e de bebidas alcóolicas, ao onivorismo, ao *status quo* e modalidades hegemônicas de lazer e diversão usualmente associadas à juventude; alguns têm nas costas das mãos a letra “X” como código de diferenciação.

*sociabilidade*, conceito este que se preocupa com a discussão de encontros, formas de lazer, eventos e atividades sociais realizadas por estes grupos (Simmel, 1986), parece enfatizar estes jovens como grupos sociais já constituídos e precedentes à análise etnográfica.

É de se indagar, assim, se as categorias-chave mencionadas acima ocupam lugar como ponto de partida e também como ponto de chegada nos exercícios etnográficos (e nas análises), parecendo descartar a possibilidade de se atentar para os processos sociais que originam estes grupos. É oportuno destacar que, numa perspectiva analítica e contexto etnográfico bastante distintos, o conceito de *socialidade* surge em contraposição à *sociabilidade* (Strathern, 1996; Viveiros de Castro, 2006; Wagner, 1974). A crítica em questão problematiza o conceito de sociedade que se cristalizou enquanto entidade abstrata, dispondo das relações sociais como se fossem estáveis e concebidas anteriormente à sua efetivação no contexto de emergência; por outro lado, o que se propõe com a chave analítica da *socialidade* é dar ênfase ao aspecto processual da constituição da vida social e da intersubjetividade.

Aqui não se pretende assumir o uso que a etnologia faz do conceito de *socialidade* conforme os autores mencionados acima estabeleceram e nem, tampouco, questionar o uso de *sociabilidade* ensejado no livro, mas tão somente tomar de empréstimo a sugestão de se atentar para o próprio processo de constituição das relações sociais em detrimento da ideia de grupo como entidade empiricamente dada. Neste caso, uma mudança de abordagem focada na *sociabilidade*, que apresenta os relacionamentos entre grupos já constituídos, para a da *socialidade*, poderia oferecer um estudo sobre as relações sociais que se estabelecem no processo de criação de grupos e de seus membros, bem como as condições de produção destes grupos, trazendo assim um rendimento teórico e etnográfico distinto para a temática dos jovens abordados no livro.

É nesta direção que Karina Kuschnir (2011) discute as relações com o espaço urbano que se produz a partir de desenhos feitos pelos *urban sketchers*. Em seu artigo "Drawing the city: a proposal for an ethnographic study in Rio de Janeiro", ela mostra que como estes desenhos carregam uma relação de experiência com a cidade. Para estes artistas, o desenho é uma forma de conhecer a cidade, de expressar um sentimento em relação a ela e, sobretudo, o desenho é vetor de produção da cidade, criada pelas mãos dos desenhistas.

Pensando o que leva estes artistas a produzirem e qual a importância que estes atribuem ao ato de desenhar a cidade, Kuschnir atenta para as condições de produção deste olhar sobre a cidade, apontando como os *urban sketchers* se constituem como tal, quais as condições em que se deve desenhar, a partir de que métodos e princípios.

Tomando como exemplo o exercício etnográfico de Kuschnir, outras perguntas poderiam ser somadas à temática abordada por *Jovens na Metrópole*. São elas: e se, ao invés de pensarmos como os frequentadores de baladas *black* se relacionam entre si enquanto grupo já formado, pensássemos o

que impulsiona certos jovens da cidade a fazerem parte deste grupo específico, trazendo para o texto as dinâmicas que embasaram suas escolhas? O mesmo pode ser dito quanto aos jovens religiosos. Ao invés de pensarmos a festa gospel como uma celebração que reúne diferentes denominações religiosas já estabelecidas, poderíamos indicar a própria modulação de relações que permite a um jovem se constituir como membro de um grupo gospel específico. Ou ainda, examinaríamos como os góticos vêm a ser góticos, quais são as nuances que perpassam esta constituição e o que os mobiliza para tal, atentando para os momentos que antecedem a composição dos contornos góticos que estes jovens criam pra si. Finalmente, o que aconteceria se um *straight edge* optasse, eventualmente, pela recusa do termo, não mais se constituindo como membro do grupo? Talvez este exercício possa indicar no texto etnográfico a própria ideia de grupo surgindo, demonstrando-se como estes contornos entre jovens e grupos se delineiam, reforçam ou mesmo se apagam.

Não obstante, tendo como cenário privilegiado a cidade de São Paulo, *Jovens na Metrópole* destaca com precisão uma capital delineada pelos jovens que a compõe, e que se permite ser por eles lavrada, laminada. Na abordagem proposta pelos também jovens etnógrafos (como chama atenção Hermano Vianna no prefácio à obra), não há qualquer passividade diante da cidade, tampouco esta os transforma em indivíduos atomizados e anônimos.

São Paulo é interlocutora de práticas e criações sociais de jovens atores, é preciso negociar com sua temporalidade e espacialidade. Mostrando com riqueza etnográfica como os jovens constituem para si campos de atuação e práticas sociais, “*Jovens na Metrópole*” é obra de grande valor e convida o leitor a um passeio pela multiplicidade dos atores e da cidade, esta constantemente lapidada e inventada por eles.

## Referências

- FEIXA, Carles. Los estudios sobre culturas juveniles en España- 1960-2004. In: *Revista de Estudios de Juventud*, Madri, n.64, mar, 2004.
- KUSCHNIR, Karina. *Drawing the city: a proposal for an ethnographic study in Rio de Janeiro*. *Vibrant, Virtual Braz. Anthr.*, Brasília, v. 8, n. 2, p. 608-642, 2011. Disponível em <<http://www.scielo.br/>>.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos - O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.
- SIMMEL, Georg. *Sociologia*. Coleção Grandes Cientistas Sociais, v.34. São Paulo: Ática, 1986.
- STRATHERN, Marilyn. Debate (“The Concept of Society is Theoretically Obsolete”). In: INGOLD, Tim (org.), *Key debates in Anthropology*. Londres: Routledge, 1996.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O conceito de sociedade em antropologia. In: *A inconstância da alma selvagem: e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- WAGNER, Roy. “Are There Social Groups in the New Guinea Highlands?”. In: (Org.) LEAF, Murray. *Frontiers of Anthropology*. Nova York: D. Van Nostrand Company, 1974.

Recebido em 9 de Maio  
Aprovado em 16 de Maio